

Sessão Coordenada 80 - **VIOLÊNCIA ESCOLAR: IDENTIFICAÇÃO, IMPACTO E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO**

**COMPREENDENDO ESTUDANTES VÍTIMAS DE BULLYING: PARA QUEM ELES REVELAM?** *Rachel de Faria Brino (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos); Maria Helena do Carmo Lima (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos)*

O bullying é um fenômeno mundial e pode acarretar diversos custos emocionais e físicos aos envolvidos. Devido às suas consequências, programas antibullying são desenvolvidos com o objetivo de minimizá-las e criar estratégias para enfrentar o fenômeno. Uma das estratégias consideradas fundamentais para o desenvolvimento bem sucedido de muitos programas antibullying é a revelação por parte da vítima. Porém, estudos apontam que a maioria das vítimas não revela e algumas hipóteses são levantadas: pais, responsáveis e professores podem não ter sido efetivos diante da revelação; o medo de retaliação, em caso do autor do bullying descobrir que foi reportada a violência; menor probabilidade do aluno revelar aos pais se estes forem coercivos; em algumas escolas o bullying é visto como característico do ambiente escolar, de modo que se entende que não há o que possa ser feito para impedi-lo; alunos mais velhos procuram menos ajuda de adultos do que os alunos mais novos; e vítimas crônicas de bullying têm maior chance de revelação. Apesar do grande número de hipóteses encontradas em estudos internacionais, não foram encontrados dados nacionais quando ao número de vítimas de bullying que não revelam as intimidações sofridas e quais motivos contribuem para que não o façam. O objetivo do presente estudo foi caracterizar a revelação em vítimas de bullying de uma escola particular localizada no interior do estado de São Paulo e identificar se as vítimas de bullying revelaram serem vítimas deste: para quem elas revelaram; quais os motivos dos alunos vítimas não revelarem; qual tipo de violência sofrem os alunos que revelam; por fim, identificar quais modificações no ambiente escolar facilitariam a revelação. Participaram da pesquisa 190 alunos de 10 a 12 anos, que responderam a um questionário para avaliar seu envolvimento em bullying. Aqueles identificados como vítimas de bullying foram instruídos a responder um segundo questionário que visou identificar se estes alunos revelaram as intimidações a alguém, qual intervenção ambiental facilitaria a revelação e o que esperam do professor. Trinta e cinco alunos responderam o segundo instrumento, em sua maioria meninas. 82,85% dos alunos já haviam feito a revelação a alguém: 20% (somente meninas) revelaram a uma amiga; 17,15% dos alunos de ambos os sexos revelaram a mãe; 8,3% dos alunos de ambos os sexos revelaram ao pai e mãe; 2,7% revelaram para a coordenadora da escola e nenhum aluno revelou ao professor. Ter um meio para que possa revelar o bullying anonimamente e ter uma pessoa disponível para este tipo de revelação foram as intervenções ambientais mais votadas. Os alunos também esperam algumas atitudes dos professores, como conversar com o agressor, estar disponível para ouvir a vítima e auxiliá-la na resolução do problema. Verificou-se que se as intimidações ainda persistiam, as estratégias de resolução do fenômeno aplicadas por pais e coordenador podem não ter sido efetivas. Apesar dos alunos, pais e funcionários da escola terem acesso a informações pontuais sobre o bullying por meio de palestras, é importante que estratégias sejam elaboradas a fim de combatê-lo e não apenas identificá-lo.

bullying, revelação, violência escolar

PIBIC-CNPq

Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

ESC - Psicologia Escolar e da Educação

**"VAMOS FALAR SOBRE BULLYING": A PERSPECTIVA DE PAIS, ALUNOS E PROFESSORES.** *Mariana Simões Floria (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos); Rachel de Faria Brino (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos).*

A taxa de envolvimento de alunos em situações de bullying no Brasil é superior aos índices mundiais. Saber reconhecer vítimas e agressores desse fenômeno é essencial para que medidas de intervenção e auxílio possam ser tomadas. Variados autores têm se dedicado a avaliar o conhecimento de professores sobre bullying, sua identificação e intervenção. No entanto, há poucos relatos na literatura sobre a perspectiva de pais. O presente estudo teve o objetivo de preencher essa lacuna, investigando a perspectiva de pais sobre o fenômeno bullying. Além disso, objetivou também investigar a taxa de envolvimento no fenômeno entre os alunos participantes e comparar o relato dos pais com as informações obtidas por meio dos próprios filhos, professores e pares. Para isso, foi aplicada a Escala de Violência Escolar e o Protocolo de Indicação Sociométrica em 80 alunos de uma escola pública de um município do interior do Estado de São Paulo. A partir da análise desse último, foram selecionados quatro professores e oito pares para responder a questionários investigando o envolvimento dos alunos participantes em situações de bullying e o tempo em que isso vinha ocorrendo. Trinta e nove pais de alunos responderam a um questionário, estruturado de acordo com os objetivos do estudo. Esse questionário continha questões sobre o significado do termo bullying, consequências, medidas de proteção, análise do tempo e condição de envolvimento (vítima, agressor, vítima/agressor) de seus filhos. Os resultados mostram que a taxa de envolvimento dos alunos em bullying condiz com os relatados na literatura nacional. Pares, professores e pais relataram menor taxa de envolvimento em bullying comparada com o auto relato dos alunos participantes. O relato dos pares foi o que mais se aproximou do auto relato dos alunos sobre envolvimento em bullying. Nota-se uma dificuldade de identificação de envolvimento dos filhos em bullying por parte dos pais. Entretanto, essa dificuldade aparece também em outros contextos sociais da vida do aluno, com pares e professores também subestimando o número de alunos envolvidos em bullying. Os resultados deixam evidente a necessidade de programas de educação em bullying não só para pais, mas também para os professores. Há extensos relatos de experiências internacionais sobre intervenções para ambas as populações referidas. No entanto, o Brasil carece de políticas em relação a violência escolar em geral, sendo que a literatura apresenta poucos exemplos de intervenções nessa área. Maiores avanços precisam ser implementados a fim de minimizar as taxas de envolvimento em bullying, bem como as consequências atreladas ao mesmo.

bullying, perspectiva de pais, violência escolar

Capes.

Mestrado - M

ESC - Psicologia Escolar e da Educação

**MINHA PIOR EXPERIÊNCIA ESCOLAR: VITIMIZAÇÃO E IMPACTO PARA ESTUDANTES.** *Paloma Pegolo de Albuquerque (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos); Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos)*

A violência escolar tem sido um fenômeno preocupante, pois pode envolver diversos atores escolares, como estudantes, professores e funcionários e abranger desde agressões graves até incivildades. Contrariando o papel da escola de propiciar o desenvolvimento global dos estudantes, as experiências de vitimização vivenciadas nesse contexto podem impactar o bem estar de todos esses indivíduos. Buscando esclarecimentos sobre a vitimização escolar dos estudantes brasileiros, o propósito do presente estudo foi o de descrever retrospectivamente as piores experiências escolares vivenciadas por estudantes universitários, apontando a frequência e duração desses eventos, os agressores principais, bem como as características das vítimas (idade, série e tipo de escola) e o impacto decorrente dos mesmos. Os participantes foram 691 estudantes universitários de ambos os sexos (54,8% do sexo feminino e 45,2% do sexo masculino), com idade média de 21,1 anos. Foi utilizada uma versão traduzida e adaptada para o Brasil do instrumento retrospectivo norte-americano Student Alienation and Trauma Survey – R. As piores experiências escolares selecionadas pelos estudantes foram subdivididas nas categorias: violência relacional (indicada por 35,7%), violência verbal (27,4%), violência física (12,9%), disciplina injusta (10,8%), presenciar violência (4,8%), violência sexual (2,4%), violência contra o patrimônio (2,2%) e outras (3,8%). As meninas sofreram com mais frequência violência verbal, relacional e sexual e os meninos violência física e disciplina injusta, sendo que os agressores foram, em sua maioria, estudantes e do sexo masculino. A idade média de ocorrência das experiências foi 12,3 anos e, embora a maior parte das piores experiências tenha ocorrido em baixa frequência e com curta duração, porcentagem considerável dos participantes apontou duração de “anos” nos casos de vitimização verbal e relacional, principalmente. A maior parte dos participantes apontou ter se incomodado muito com a pior experiência escolar, como pode ser observado pelos relatos qualitativos. Além disso, os participantes indicaram ter vivenciado diversos sintomas após a vivência da pior experiência, como de Transtorno de Estresse Pós-traumático (7,8%), depressão (7,1%), desesperança (8,6%), reexperiência do trauma (6,1%), evitação e entorpecimento (12,1%), excitabilidade aumentada (7,6%), sintomas somáticos (4,7%), hipervigilância (20%), dissociação (8,7%) e conduta oposicional (5,1%). O estudo apontou que diversas formas de vitimização ocorrem no ambiente escolar, envolvendo vários atores escolares e tendo o potencial de impactar os indivíduos envolvidos. Sendo assim, espera-se que tais dados contribuam para o esclarecimento de como se dá a vitimização escolar dos estudantes e auxiliem no delineamento de programas de prevenção voltados a violência escolar e também de intervenções que atendam às reais necessidades dos estudantes vitimizados.

Violência escolar, Pior experiência escolar, Impacto da violência  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)  
Doutorado - D  
ESC - Psicologia Escolar e da Educação

**PREVENÇÃO DE PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES: INTERVENÇÃO.** *Daniela Patrícia Ado Maldonado (Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Campus Palmas); Jocyléia Santana dos Santos (Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Tocantins, Campus Palmas)*

Os problemas de comportamento em crianças são preocupações presentes tanto na família e na escola, como na comunidade em geral. Existe uma série de fatores que podem contribuir para o surgimento de tais problemas, envolvendo fatores de risco biológicos e ambientais. O objetivo do presente estudo consiste em aplicar e avaliar um programa de intervenção precoce com crianças com problemas de comportamento na pré-escola, aplicado à família, aos professores e aos pares. Participaram do estudo dois grupos de crianças com 4 e 5 anos de idade que frequentaram dois Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI): 7 crianças que constituíram o Grupo A (GA), referente a crianças encaminhadas para atendimento psicológico pelas professoras, que participaram da intervenção; e, um grupo de 7 crianças que não participou do atendimento, formaram o Grupo B (GB), que não necessitavam de intervenção psicológica, segundo suas professoras. As crianças do grupo GB tiveram como finalidade servir como parâmetro normativo na avaliação das crianças do grupo GA. Além das crianças, participaram da pesquisa seus colegas de sala, seus professores e aqueles que são responsáveis por elas. Participaram da intervenção 7 pais que constituíram o grupo de responsáveis (GRA) pelas crianças do grupo GA e um grupo de 9 professoras (GP), ambos das duas instituições. A intervenção dos grupos ocorreu nos Centros Municipais de Educação Infantil. Foram realizados encontros semanais, em grupos, ao longo de 5 meses. Os instrumentos utilizados para avaliar os comportamentos dos participantes antes da intervenção, após a intervenção e no seguimento foram os seguintes: o Questionário de Relações Interpessoais (QRI) para avaliar o comportamento das professoras; o Inventário de Estilos Parentais (IEP) para avaliar os pais; o Questionário de Capacidades e Dificuldades &#8213; SDQ-Por, versão para pais e para professores; a Ficha de Avaliação Sociométrica para avaliar o comportamento da criança; e o Questionário Final de Avaliação do Curso. Os resultados do estudo, no que diz respeito à avaliação do grupo de professoras foram positivos, pois, após a intervenção elas utilizaram estratégias consideradas positivas ou mais efetivas. Ainda, segundo as professoras, houve um aumento da ocorrência das habilidades para o desenvolvimento interpessoal entre os alunos na avaliação pós-intervenção. A maioria dos pais integrantes do grupo de intervenção apresentou mudanças positivas quanto às práticas educativas por eles utilizadas após a participação no programa. As avaliações das crianças, realizadas tanto pelos pais, como pelos professores, apresentaram mudanças positivas no comportamento delas após a intervenção, seja para o Total de Dificuldades, seja para comportamentos Pró-sociais. As avaliações sociométricas não apresentaram resultados conclusivos. Contudo, as avaliações de satisfação do curso, dadas pelos responsáveis e pelas professoras, foram positivas, tanto no que se refere ao cumprimento de seus objetivos, como no que se refere aos ganhos por eles citados. De modo geral, as intervenções propostas neste estudo mostraram-se efetivas.

problemas de comportamento, intervenção, prevenção de violência escolar  
CAPES

Doutorado - D

ESC - Psicologia Escolar e da Educação